

LER E ESCREVER NA ESCOLA : UMA QUESTÃO DE MUDANÇAS PEDAGÓGICAS

Maria de Fátima da Silva (Mestranda em Educação - Unesp de Presidente Prudente)
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria da Costa Santos Menin

Eixo 3 – Projetos e Práticas de Formação de Professores

Resumo:

No decorrer das últimas décadas, a leitura e a escrita tem sido alvo de reflexão e análise. São muitas as pesquisas que procuram entender o porquê do fracasso escolar nessas duas dimensões; pois muitos são os alunos que após anos a fio na escola, não compreendem o que leem, não fazem relações entre as múltiplas informações que recebem.

Segundo vários autores como: Sole (1998), Jolibert (1994), Lajolo em Geraldi (1987), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados através de seus objetivos, do conhecimento prévio. Não se trata de codificar letra por letra, palavra por palavra e sim, uma atividade que implica a produção e a constituição de sentidos.

Apesar de problemas advindos de todos os lados, é na escola que as crianças aprendem a ler, sendo ela muitas vezes, a única a oferecer o contato com a leitura. Por isso, na escola alguns fatores são imprescindíveis para o ensino-aprendizagem de uma leitura e escrita eficientes: condições facilitadoras de aprendizagem, ambiente contextualizado, um professor mediador e planejamento.

O presente estudo faz parte de minha pesquisa de mestrado em Educação, em andamento, na Unesp de Presidente Prudente, na linha de pesquisa: Formação de Professores, onde, pretendo observar e aprofundar o estudo das relações entre leitura e produção textual; verificar instrumentos de leitura e produção textuais utilizados na sala de aula de 5ª série (agora 6º ano, nova nomenclatura) , na D.E de São José do Rio Preto; e observar se tais instrumentos corroboram para a formação eficiente de alunos leitores e escritores.

Palavras – chave: leitura, escrita, leitor

Introdução

A leitura e a produção textual vem sendo, no decorrer das últimas décadas, temas privilegiados de reflexão e análise. Mesmo no século XXI, a revolução tecnológica invadindo a maioria dos lares brasileiros com muitas informações, continuamos com o pé nos problemas do século passado: lendo pouco e escrevendo menos ainda. Constata-se que após a permanência por anos a fio na escola, um número significativo de alunos não compreende o que lê, não faz relações entre as múltiplas informações que recebe, tem dificuldades em interpretar, em apropriar-se do conhecimento trazido pela leitura. Conseqüentemente, compromete um posicionamento crítico, resultando na baixa qualidade

de suas produções escritas. Educadores atribuem o fracasso do aluno ao fato de não saberem ler e escrever. É unânime a reclamação de que os alunos não gostam de ler e que, ao escreverem, frequentemente, fazem narrações que não contam histórias; textos expositivos que não expõem idéias; textos argumentativos que não defendem pontos de vista algum, contradizendo de forma assustadora, com o grande objetivo a ser atingido pela escola no ensino de língua materna: o domínio real da linguagem escrita e da leitura, demonstrado pelo sujeito que sabe usá-la nos diversos contextos sociais para interagir com os outros.

A leitura e a escrita na escola

Foram muitos os percalços até que a leitura e a escrita entrassem na escola como saberes escolares, poucos tinham acesso a eles. Apenas aqueles que detinham o poder, e os homens tinham esse privilégio. As mulheres, assim como os pobres ficavam de fora. Quando estas chegam à escola, são entendidas de maneira equivocada: ler era entendido como codificar de forma mecânica, sem significação ou sentido, as frases soltas da cartilha. Escrever era a partir do alfabeto, das letras mais simples para a mais complexas, até formar-se um texto descontextualizado, sem sentido.

Anos depois, surge a obra literária na escola, onde ler significava utilizar um guia de leitura, adequação à faixa etária; temas ligados ao currículo, fichas de leitura, livros adotados para leitura bimestral e o pior: avaliação de leitura.

A gramática era a protagonista da sala de aula. O texto e a obra literária tinham pouca relevância, no entanto, não deixavam de aparecer com uma forma de inserção muito particular: o modelo.

- O professor lia o texto em voz alta, o aluno repetia a leitura em pequenos trechos do texto. Os alunos tentavam se aproximar do modelo ideal: o professor.

- O texto era lido como objeto para produção de textos.

- Não se lia como produção de sentidos como teoricamente sabe-se que deveria acontecer na escola. O significado de um texto era aquele dado pela leitura privilegiada do professor.

- A cópia era atividade permanente na escola.

Segundo apontamentos de Silva (2003), em nossas escolas há, ainda hoje, o retrato típico do ensino da leitura chamado Passo de Ganso, que minimiza a importância do

leitor e valoriza o mecanicismo da leitura e escrita.

Passo de ganso é (...) o movimento mecanizado e sincronizado, executado da mesma maneira de ano para ano e, quase sempre, teatralizado nos palcos da mentira, em que os atores apenas fingem que lêem para contentar a instituição. Passo de ganso: 1.abrir o livro e 2.ler a lição.Passo de ganso:1.responder as questões e 2.repassar a gramática. Passo de ganso: 1. redigir trinta linhas e 2. entregar ao professor. Passo de ganso: repetir exatamente ou redundantemente esse movimento nas aulas subseqüentes. Passo de ganso: passo ordinário! (SILVA, 2003, P.11)

Há algumas décadas, na tentativa de mudar essa história, surgiu a expressão “gramática contextualizada”, mais uma vez o texto é usado de maneira errônea. O professor utiliza-se de um texto, um conto, uma poesia, uma fábula, grifava-se algumas palavras e assim trabalhava-se a gramática. Imaginava-se assim que se deixava de trabalhar a gramática de maneira tradicional para uma abordagem construtivista, além de privilegiarem a leitura e o ensino da língua. Em outras instâncias, com a má compreensão do que poderia significar “a leitura de mundo”, gerou-se uma prática de leitura na intenção de entendimento de textos que enfatizavam mecanismos de compreensão que acabaram se reduzindo a clichês como “O que você achou do texto?” ou “qual a mensagem do autor?” ou ainda a comparações artificiais com a realidade que cerca o aluno. Mero engano, essa perspectiva de ensino continuava tradicional ou sem possibilidades de transformar o texto significativo e pior não atingia ao objetivo de ensinar a língua e ampliar a experiência do aluno com a nossa.

Magda Soares (2001) ressalta que é inevitável que a literatura se torne um “saber escolar”, porém podemos evitar que adquira um sentido negativo :

...o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-a, falseia. (SOARES, P. 22, 2004).

A escolarização adequada da literatura deve ser buscada para que conduza as práticas de leitura no contexto social e o ideal de leitor que se pretende formar.

É preciso oferecer aos escritores, ainda na escola, inúmeras oportunidades de aprenderem a ler e escrever, fazendo-os interagir com a diversidade de textos escritos existentes, textos não fragmentados, usando várias estratégias de leitura para que o interesse do aluno seja despertado.

Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever.

Evidentemente, isso só se torna possível, se os educandos tiverem constituído um amplo repertório de modelos que lhes permitam criar e recriar as próprias criações. Segundo Jolibert (1994) e os PCNs (1997), é importante não se perder de vista que não há como criar do nada, é preciso ter boas referências, reflexões sobre o que escrever e a quem escrever. Por isso, formar bons escritores depende, não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura, com a construção de um contexto de aprendizagem mediante essa interação, cabendo ao educador definir tarefas exequíveis, plausíveis e significativas para o produtor de texto.

É lastimável perceber que na escola, os professores não dão a devida importância a essa relação entre leitura e escrita. Não estou afirmando que se deve utilizar todos os textos literários e escolares como pretexto de escrita. Não é essa a minha intenção. O que pretendo aqui é ressaltar a importância da leitura para o processo da escrita no que concerne à lingüística, à imaginação e à criatividade. Incentivar o término das tarefas burocráticas sugeridas por autores de livros didáticos que levam professores a acreditarem que suas competências estão “acima de qualquer suspeita”.

Afirmo que a leitura nunca é inocente, é sempre carregada de sentidos, de saber que leva o leitor à criticidade, a novos horizontes de expectativas, ajudando-o na tessitura de um texto, de uma história, de sua própria biblioteca cultural e como afirma Goulemot(1996) “a biblioteca cultural serve tanto para escrever como para ler” e ainda afirma Isabel Sole que a leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, nesse sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. “Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer.”

Apesar de problemas advindos de todos os lados, é na escola que as crianças aprendem a ler. A escola, muitas vezes, é a única a oferecer o contato com a leitura.

E na escola alguns fatores são imprescindíveis para o ensino-aprendizagem de uma leitura e escrita eficientes:

*** Criar condições facilitadoras de aprendizagem, incentivar a leitura e a produção de diferentes tipos de textos;**

Sabemos que a leitura e a escrita têm presença marcada na escola; contudo isso não é suficiente, visto que é relevante ter conhecimento sobre: O que se lê? O que se escreve? Para quem se lê? Para quem se escreve? Quando? E principalmente em que condições lê-se e escreve-se na escola?

Será que as rotinas escolares atendem aos objetivos que almejamos enquanto professores?

A leitura e a escrita não podem ser utilizadas para passar o tempo ou tapar um buraco ocioso da aula, pelo contrário, deve-se privilegiar o espaço e o tempo para essas práticas. Deve-se lembrar que a leitura e a escrita são importantes na escola, porque são importantes fora dela e não vice e versa. Ainda perceber que quem lê e escreve fora da escola, o faz com alguma finalidade e que atividades de leituras e escritas sem objetivos claros para os alunos são insuficientes para torna-los leitores e escritores eficientes.

Ler o quê? Tudo o que for possível. Fazer uma seleção? Sim, é necessário. Os alunos precisam ter em mãos obras literárias de qualidade, uma diversidade de textos e assuntos. Ele precisa conhecer textos além daqueles existentes nos livros didáticos. Na escola, quando não houver biblioteca, o professor pode formar seu próprio acervo diversificando o máximo os títulos. As escolhas têm uma dimensão importante, não bastando abrir espaços para que a leitura aconteça. Quanto mais textos e livros o leitor conhecer maior será a possibilidade de fazer o seu próprio texto, a sua leitura. É necessário que a leitura passe a fazer parte de nossos gestos diários: é preciso sentir necessidade de ler.

*** A sala de aula deve ser um ambiente textualizado; com os quais as crianças interajam no dia a dia;**

Em sala de aula, pode - se criar espaços propícios à interação com o mundo da leitura e da escrita: cantinho da leitura com exposição do acervo da sala de aula com vários títulos (que podem ser trocados continuamente). Livros que podem ser lidos, consultados, livros que podem servir de base para dramatização, leituras poéticas. Não é necessário oferecer para o aluno uma relação de obras literárias. O mais importante é colocá-los em contato direto com elas e com o entusiasmo pessoal do professor enfeitiçá-los e prendê-los nessa rede de leitores. Os murais podem expor as produções escritas dos alunos, músicas, poesias, contos de autores reconhecidos, para que o contato com a diversidade de textos existentes facilite sua compreensão sobre a cultura escrita.

*** O professor mediador**

O melhor era quando ela nos mandava guardar os objetos (...), continuava mais um pedaço da história. Parecia com a Sant'ana da capela com o livro no colo. Eu não acreditava que podia existir outro céu além da nossa sala de aula. Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem , tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino. Eu pedia o livro emprestado, depois que Dona Maria terminava. Levava para casa, e brincava de escola com meus irmãos menores, e lia para eles. Era difícil guardar tanta beleza só pra mim.

Bartolomeu Campos de Queirós (2005)

Mediação é um conceito utilizado por Vygotsky para abordar a concepção de que é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos. Daí a importância da escola, principalmente do professor ser o mediador no processo de ensino-aprendizagem e particularmente na formação de leitores e conseqüentemente de escritores, pois como foi abordada anteriormente, a escola talvez seja o único espaço, onde o aluno terá acesso ao livro. Então, o professor deverá usar de sua sedução para mediar e despertar nos alunos a vontade de mergulhar em muitos “mares de leituras, de histórias”. Mediar a leitura, nesse caso, é criar esta ponte entre o sujeito, um possível leitor e o texto. É abrir caminho para o leitor, possibilidades de um diálogo entre texto e leitor da maneira mais natural possível. É ler com o leitor, construir “... uma experiência de significação que

seja a soma de todas as significações, a soma de todas as histórias das leituras individuais” (GARCIA, 1992) Mediar não é aceitar apenas a leitura e interpretação do professor como correta, como modelo, como se o professor fosse o único a saber o caminho de uma leitura perfeita. É saber que o ato de ler é envolto em características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada aluno e assim, cada leitura tem uma dimensão totalmente diferente do outro.

Jolibert (1994) e Sole (1998) lembram um outro aspecto da mediação da leitura: a importância da motivação por parte do professor para incitar a criança a aprender a ler e escrever, oferecendo a ela um contexto motivador: sala preparada com espaços reservados à leitura, à criação de textos, materiais e livros adequados à leitura. Esse professor mediador deve sempre estar atento às possibilidades de criar, organizar e propor atividades interessantes, instigantes e socialmente válidas e conhecer os produtos que há para serem lidos e oferece-los no momento certo.

Além do ambiente escolar propício para a formação do leitor, o que mais motiva o aluno a ler e escrever é ver os adultos que tenham importância para elas lendo e escrevendo. É desejável que o professor tenha tais práticas incorporadas em seu cotidiano. Um bom professor deve ser um bom leitor, de maneira que sua experiência de leitura, o conhecimento e o prazer constituam a experiência de docente e interfira diretamente de maneira autônoma e positiva em sala de aula. Quero deixar claro nesse trabalho que a responsabilidade da formação do aluno leitor não cabe apenas ao professor de língua portuguesa, mas a todos os professores de diversos componentes curriculares e que sejam usuários do código lingüístico. O primeiro passo em busca do espaço de leitura na escola é criar uma mentalidade profissional que aceite e tenha a leitura como condição de sobrevivência. Se não existir um espaço de leitura em cada educador, como mediar e motivar essa prática no coletivo escolar?

Gostar daquilo que se ensina é de extrema importância. Como contagiar alguém com um sentimento prazeroso que não experimentamos nem vivenciamos? No percurso educacional, nos bastidores das salas de aulas, ouve-se muito a expressão: “Não gosto de ler, mas incentivo meus alunos”. Ler e ensinar a ler, ou mesmo motivar a ler envolve pessoas, olhos nos olhos, sentimentos. Não há como fingir o que não sentimos. É como o professor de natação ensinar sem saber nadar ou prepararmos um alimento sem tempero nenhum. Não há sintonia, não há sabor. Ler e trocar leituras e escritos exige uma relação de proximidade, de afeto, de confiança conquistada pela mediação. Não há como enganar,

seremos alvo de desconfianças permanentes e ainda não atingiremos nosso objetivo maior: formar leitores e escritores competentes.

Além do conteúdo, um professor leitor, é capaz de ensinar a seus alunos a busca do saber, que há fontes de saber que devem ser investigados. Além disso, ele será capaz de oferecer às crianças material de leitura apropriado, as técnicas, os segredos para se ler e produzir um bom texto, para que assim se aproprie dos mesmos de modo que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira. Não se pode esperar que a criança se mostre competente em algo para o qual não foi instruída, não se deve esquecer que competência se cria, se constrói e que não nascemos com ela. Os alunos podem aprender mais e melhor mediante a constante mediação e intervenção do professor que deve aproveitar os conhecimentos prévios e cognitivos do aluno a fim de ajudá-lo a aumentar suas possibilidades de torná-lo mais competente. E assim de posse dessa aprendizagem, o aluno será capaz de trocar com outros suas experiências de leitura e escrita. O correto seria que na entrada de cada escola, de cada biblioteca, de cada sala de aula houvesse a mesma inscrição da Biblioteca de Alexandria “lugar de cura da alma” e que realmente o fosse.

*** Planejamento no momento da leitura e da escrita**

As aulas de leituras e produções de textos devem ser planejadas de maneira que atendam aos objetivos propostos no início do ano e que não devem ser esquecidos no decorrer do caminho, devem ser seqüenciadas e não espontâneas. Essas aulas, esses momentos podem ser mágicos e inesquecíveis para os alunos por serem agradáveis, no entanto, podem despertar muitos sentimentos de pavor e repúdio, conseqüências essas que podem afastar o aluno para sempre do ler e escrever.

As atividades de leitura e escrita devem ter “horário nobre” na sala de aula, o melhor horário do dia, com uma duração prevista, estudada, para que não seja interrompida por intervalos ou pelo sinal anunciando o momento de ir embora, por exemplo. Devem ser atividades significativas de fala, leitura e escrita, voltadas para o aprimoramento do uso da língua. Ao invés de exercícios mecânicos, os alunos devem aprender a ler e produzir textos em situações contextualizadas: o aluno lê para se divertir ou estudar, escreve porque outras pessoas vão ler e assim por diante.

O professor deve lançar mão do melhor material de leitura a seu alcance que deve ser conhecido do professor, propiciar o contato dos alunos com textos diversificados e de qualidade e, ainda, propor atividades motivadoras de leitura e escrita para que envolva o aluno nessa arte de saborear e compartilhar idéias de autores e dos amigos de classe.

Antes de solicitar uma produção de texto, seria interessante para um trabalho mais favorável e eficaz, uma proposta de produção elaborada pelo professor que levasse em conta:

- Leituras de textos escolhidas pelo professor, não por escolhas de textos e livros com os quais se identifica, mas acima de tudo, com o que os alunos se identificam ou que necessitam naquele momento. A partir de leituras diversas, os alunos terão condições de observar sua estrutura, personagens, espaços etc. que poderão servir de inspiração para a produção de seus textos.

- Ter claro os objetivos que se pretende alcançar com aquela produção, e mais do que nunca, os alunos precisam saber o que lhes serão avaliados O que se pretende deve estar especificado na proposta, não se pode exigir aquilo que não foi combinado.

- Observar o perfil da turma para se elaborar a proposta de produção, o que serve para uma sala, não serve para outra, adequando a linguagem proposta para cada turma trabalhada.

- Um aspecto relevante: o tempo destinado à “elaboração da produção de texto”, se este é suficiente para que o aluno faça tudo o que foi solicitado pelo professor.

O produto final do aluno depende, de certa forma, do modo como o professor elabora sua proposta e como intervém no momento da escrita do texto, mais ainda, como o professor faz o seu planejamento.

Apesar de pesquisas e estudos científicos afirmarem que a leitura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente um indivíduo, a escola, sem dúvida, passa por um de seus momentos mais difíceis. Parece que o que mais falta na leitura das crianças; de acordo com dados de avaliações discutidos anteriormente nesse trabalho, é a significatividade da leitura que o faça perceber que a leitura é um concerto de muitas vozes como afirma Cosson, que ela humaniza.

É fundamental que a escola ofereça não apenas a diversidade de textos, mas a riqueza da literatura, aquela que dá prazer, mas também aquela que dá oportunidade a uma leitura crítica, significativa para a formação desse leitor. Não basta que a escola ofereça essa literatura aos alunos, mas que os ensine a ler, além da decodificação, que

eles percebam por si que a leitura não é um ato tão inocente quanto parece e que ela cresce tanto dentro do ser que chega a acontecer uma epifania literária que ensina, politiza, transforma, abre leques para escrever. Reafirmo, não adianta esperar que os alunos aprendam os caminhos da leitura e da escrita sozinhos, sem que ninguém os ensine a utiliza-los. E mais importante ainda é garantir a aprendizagem do aluno a ponto de quando o professor não estiver por perto, ele saiba utiliza-la.

E quanto à escrita, sabe-se que a leitura oferece “subsídios”, “o que escrever”. Vale afirmar: “ninguém acorda um dia com o maravilhoso dom da escrita”. Não. A escola deve proporcionar momentos de escrita, de produção, mas este é um assunto que será objeto de outro texto.

BIBLIOGRAFIA

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1987. BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental.

CARVALHO, Maria Angélica freire de. ; MENDONÇA, Rosa Helena. (orgs.). **Prática de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CAVALLO, G.CHARTIER,R. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.v.

COLOMER , Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CHARTIER, Roger. **Do livro à leitura**. In : CHARTIER, Roger (Dir.) **Práticas de leitura**. Tradução Cristiane Nascimento São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COSSON, Rildo. Pressupostos-In: **Letramento literário**. São Paulo: Contexto.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o Professor e a leitura**. São Paulo: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1994.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____ **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6.ed. São Paulo: Pontes, 1998.

_____ **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 5.ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

_____ **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

RODARI, Giani. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____ **A criticidade como elemento básico da qualidade da leitura** in *Prazer em ler* I. São Paulo: Instituto C&A, 2006

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização** in: SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs.). **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.